

A SEMANA

DIRECTOR VALENTIM MAGALHÃES

Redactor-gerente, MAX FLEIUSS.

Escritorio, rua dos Ourives n. 71, 2.º andar.

Secretario da redacção, H. DE MAGALHÃES

SABBADO, 11 DE NOVEMBRO DE 1893

EXPERIMENTA:

Assinatura annual.	128000
" semestral	78000
Numero avulso.	8200
" atrazado	8300

SUMMARY — Historia dos sete dias — *J. do Egypto*; Nacionaes e Estrangeiros — *V. Alagathães*; Medalhões de acitizes, IV Posa Damascena — *V. Mendes*; Balada Amorosa — *G. Redondo*; Oração profana, poesia — *A. de Mesquita*; Ballada Egyptica — *L. Rosa*; Queda do sol, soneto — *H. de Magalhães*; Gazetilha Litteraria; Cavacos Medicos — *Dr. Sahen*; Orações eternas, poesia — *Arnaldo Augusto*; Plebiscito litterario; A proposito de plagios — *Sento E. Junior*; Cofre das graças — *Sibiano*; O uquet desleito, poesia — *Damaseno Vieira*; Os Collegas; Factos e Noticias.

Historia dos sete dias

Tive uma destas manhãs ultimas uma visita inesperada. Visita, propriamente, não; porque... Mas o melhor é contar-lhes o caso, gentis leit ras — tão gentis quanto hypotheticals.

A rua do Lavradio amanhecera banhada na luz fresca e vibrante de um dia claro, subsequente a uma noite de chuvas continuas. O ar lavado e fino, o sol risonho, como a face de um conego rubicundo, barbeada de pouco. Mas não havia alacridade no ar. O canhoneio ribombava já com estrondos surdos, ora mais affastados, ora mais proximos. Passava o *tra lá lá* metalico e impetivente dos clarins de um pelotão de cavallaria que recolhia ao quartel ao passo lento das alimarias estropiadas...

Abri as tres janellas da sala e os meus quadros, á luz matinal, recomeçaram de viver a sua vida morta.

Emquanto esperava os jornaes e o café, estendi-me numa cadeira albacial e ia releer uns versos das *Orientags*... quando ouvi um rumor harmonioso. Est' anho lá fóra... Ergui os olhos, e vi a Fantasia que passava no ar da manhã, sentada no seu coche de nacar, tirado por duas borboletas...

— Olá, ó Fantasia! gritei-lhe, correndo á sacada.

Ella let-sou as bridas, que eram dois fios de luz; a parelha estacou, palpitante; e a amazona, voltando para mim a cabecinha encantadora:

— Ah! és tu, meu pobre amigo?

— Sim, sou eu e bem sobre des' que me abandonaste, ingrata! Mas tem paciencia, apia-te, entra, vem dar dois dedos de prosa.

Fantasia, condoida, sem duvida, da consternação do meu rosto, t-cou a carroagem para o tuffo verdejaute do jasmineiro que me

ajardina a sacada, desdrelou as borboletas, que se atiraram logo a pastar nos jasmíns, e saltou-me lêsta, perfumosa, e diante, para dentro da sala. Apareceu nos braços. Sentia-a nos meus joelhos, tremulos da emoção que me abalava todo.

— Fujona! Deixar-me assim, ha tantos annos! Fazer-se surda aos meus rogos, quando, alta n'ite, de p'nn'cin rite entre os dedos ardentes, eu te invocava, afflicto, na ancia de vasar a alma n'uns versos ou de bordar a gaze de um folhetim! Po que? Dize-me, cruel, porque?

— Ora, meu caro, queres franquesa, não é assim? Pois ouve. Amos novos, sabes? Tu me sahiste um mono. Quando eu te buscava, apaixonada por tua mocidade, pela doçura de tens o'hos, pela frescura de teus labios, deitaste sisudez, reclamaste musas novas e graves, de oculos de ouro e compendios scientificos... umas impostoras muito pedantes, que rimavam leis universaes e forçãs da Natureza, a evolução, a materia, o transformismo, os direitos do homem... uma scucia de asneiras! Domais, e é esta a razão principal, preferiste a prosa ao verso, e eu só amo pro-adores na falta de poetas. Entreguei-me a outros.

— Sei; murmurei com um suspiro capaz de enternecer uma fortaleza. O Raymundo, o Bilac, o Coelho Netto...

— E' verdade, confesso. Tenho passado noites deliciosas com esses rapazes. A constancia não é o meu forte, nem a pudicicia o meu fraco. Quando me agrada um rapaz, entrego-me toda a elle, rendida e delirante. E dessas nupcias de fogo nascem livros que immortalizam os autores e enriquecem os editores. Alvares de Azevedo, Gonçalves Dias, o Casimiro, o Varella, o Ca-tro Alves, o Machado de Assis...

— Esse é um velho; resmunguei, vesgo de inveja.

— Um velho! E' o mais moço de todos vocês. Nunca o visito que o não encontre preparado a receber-me. Que festas, que transportes, que enthusiasmo! E' o meu preferido, o meu bem amado. Ia caminho delle quando me chamaste. Costumo ir dar-lhe um beijo todas as manhãs, antes de que nel'e acorde o chefe de secção, enquanto o poeta está de vigilia. Desse beijo nasce quasi sempre uma estrophe ou uma phrase da proxima chronica, que elle, á noite, quando acorda o poeta e a'ormece o empregado publico, passa ao papel sem demora. Oh! o meu Machado, como lhe quero bem! Que rapaz! Lá está elle impacientando-se

com a minha tardança! Já vou, já vou, meu amor!

— Estás pouco amavel, confessa. Não me visitas durante annos, e agora que, por acaso, te colho um momento nos braços, falas somente no *outro*... é demasiada gentileza, minha senhora.

— Pode ser. Mas dize-me cá, que desajas de mim?

— Umas migalhas do teu amor. Um beijo de vez em vez. Tenho tanto projecto bonito na cabeça!.. Poemas, sonetos, contos, livros e livros!

— Meu queridinho, se não fosse o Machado, franqueza franca, eu já teria emigrado daqui ha muito e para sempre. O teu paiz está insupportavel. Já ninguem lê; nem os anaphabetos. Quando visito os poetas, elles recebem os meus affagos com este bocejo francez:—*A quoi bon?* E nas lyras empoeiradas só as baratas dedilham. A terra das palmeiras, onde o sabiá cantava, passou de terra de trovadores a terra de artilheiros. Bellona substituiu Polymna, e as nove musas passaram do mando de Apollo para o de Marte.

— Todos os meus antigos namorados esqueceram-me, abandonaram-me. O Raymundo é director de Fazenda em Ouro Preto— substituiu as rimas pelos algarismos e deixou de cantar as harmonias das tardes estivas para sonmar verbas orçamentarias. O Augusto de Lima faz-lhe companhia naquellas montanhas, despachando antos, e a ambos visita agora o meu Bilac, enfarado e dyspeptico, talvez despeitado comigo por lhe terem castigado com o carcere a ousadia de umas coplas. O Lucio está um grave director de secretaria e debalde o visito, ás vezes. Recebe-me affavelmente, amaciando a barba com a mão bem feita, ensaia comigo umas travessuras, mas... mas fica sempre em meio caminho. O Alberto é director de Instrucção Publica no Estado do Rio e recia comprometter a gravidade do cargo continuando a publicar versos... Já vês...

— Tens razão; e a prova ahí está A SEMANA, em que nenhum desses seus antigos collaboradores, que tanto lustre lhe deram, hoje escreve nada.

— Mas não desanimas. Ainda me ficaram fiéis o Rodrigo Octavio, apesar de ser procurador seccional da Republica, e o Garcia Redondo e tu mesmo, não obstante já não termos as antigas relações.

— Tenho entre os meus novos amantes alguns que hão de illustrar A SEMANA. Ah! estão o Luiz Rosa, alma delicada e virtuosa, que me adora, que me dá beijos de fogo, de

que nascem contos e versos lindos; o Victor Silva, um burilador meticoloso do verso, que trabalha os rythmos e as rimas com o amor e a paciencia de um ourives florentino da Renascença; o Carlos Dias, uma criança de largo futuro; o José Vicente Sobrinho, um inquieto, um curioso, um batedor de novos caminhos, que ha de ir longe se a extravagancia o não arrastar para os atalhos em que se debate, perdido em cipões de phrases, o Virgilio Varzea, de quem eu tanto esperava; ah! tens ainda o Placido Junior, o Rhossard, o Raul Braga, se a bohemia o não inutilizar para o trabalho e para a Arte; o Magalhães de Azeredo, um bello tempo ramento litterario, equilibrado e mal'avel a todas as fórmulas...

— Não tens de que te queixares. Além de que, para te ser agradável, vou descobrir e enlucrar de amor por mim outros moços, de que a tua folha e as lettras hão de receber preciosos mimis. Agora, diz-me: que horas tens?

— Oito e meia.

— Oh! diabo! Esquecia-me aqui, a lagarellar. Vou-me ao Machado. Não tarda a alormecer o poeta, para acordar o burocrata...

— Que te não ouça o Castro Lopes!

— Olha, é um dos meus poucos antigos adoradores que se me conservou fiel. De vez em quando... e olha que dá boa conta do seu recado! Bem viste o Bem-te-ve, outro dia. Adeus. Vou dar o meu beijo de todas as manhãs ao poeta das *Phalenas*.

— E a mim, cruel?

— Toma lá também.

Pousou-me na frente os lábios frescos e vermelhos como pitangas e a doçura desse beijo derramou-se-me nas veias deliciosamente, dando-me novo alento. Depois, saltou leve e de ao seu carrinho de nacar; as borboletas sacudiram as azas, espalhando uma poeira de ouro, e partiram a trote largo, levando, ar em fóra, numa visão rápida de luz, numa baforada de aromas, a doce amiga dos poetas.

E, enquanto ella partia, invisivel, a vital-os, um a um, os canhões das frotalezas vomitavam fogo e ferro, escrevendo com sangue e trópos de artilheria a epopéa maldicta do fratricidio.

JOSÉ DO EGYPITO.

NACIONAES E ESTRANGEIROS

No dia 6 do corrente expendeo o redactor principal da "Gazeta de Noticias" em sua antiga e muito apreciada secção intitulada "Cousas Politicas" idéas tão criteriosas, tão justas, tão cividas de verdadeiro patriotismo, que nos não limitaremos sómente a fazer-lhes referencia: transcreveremos alguns trechos desse bello artigo.

Após haver notado que, desde o começo da actual revolta, incrementou-se o antigo veso de discutir o estrangeiro e

a parte que elles tomam em nossos negocios, escreve o illustre collega:

"O estrangeiro no Brazil, paiz novo onde tudo está por constituir, até mesmo a nacionalidade, é cousa muito diversa do estrangeiro nos paizes em que elles são concurrentes dos nacionaes, em vez de serem, como aqui, elementos que convergem conosco para um fim unico, a que nós nacionaes, sósinhos, não poderiamos attingir.

"Com o braço, com o capital, com a intelligencia, com a actividade, com a experiencia, com a instrucção, com as tradições da vida, dos costumes, do trabalho, da industria em seus paizes de origem, elles nos trazem elementos de valor inestimavel para a exploração dos nossos recursos naturaes; e pela familia, que uns trazem constituida, que outros constituem aqui, formam a população, uma notavel parte da população, estrangeira hoje, estrangeira quando muito durante a vida do chefe, mas já nacional amanhã, nacional pelos filhos aqui nascidos, aqui criados e educados, que aqui se estabelecem, e para quem a patria já é por todos os motivos o Brazil, como fóra parcialmente para os paes, em virtude do principio natural, que manda que se preze como patria a terra em que se é feliz.

"Pela sua presença em um paiz vastissimo, em que a densidade da população é insignificante, o estrangeiro concorre effizadamente para a riqueza publica, valorizando o sólo que occupa; pagando o imposto, sendo consumidor de productos nacionaes, dando trabalho ao proletario no serviço domestico e nas industrias, empregando no paiz as suas economias, contribuindo emfim para a circulação da vida no paiz em que se acha estabelecido. Pela sua presença em nosso paiz, dilata as nossas relações commerciaes com os paizes do velho mundo e as nossas relações intellectuaes, e nós usufruimos o vasto thesouro de experiencia legado pelas gerações que se foram, thesouro que falta aos paizes novos.

"E é n'um paiz em que todos os interesses clamam para que se risque da nossa linguagem esta palavra "estrangeiro," em que rara é a familia que não tenha em geração proxima pelo menos um antepassado estrangeiro, que se anda a procurar ferir susceptibilidades respeitaveis, por incidentes sem importancia, e ás vezes, o que é peor, por simples boatos sem fundamento!"

Perfeitamente dito.

O que mais nos admira nessa campanha insensata, que, falsamente rotulada de "patriotismo," se vae fazendo contra os estrangeiros, é que á frente della, prestigiando-a e dando-lhe força, estejam alguns moços de reconhecida intelligencia e illustração.

Como podem elles conceber e affagar o extravagante ideal que se contém na divisa "O Brazil para os brasileiros?" restringimento da de Monróe—"A America para os americanos?"

Não admittir a intervenção dos estrangeiros, isto é, dos que não são do Brazil pela natividade ou pela naturalisação, expressa ou tacita, em nossos

negocios, em nossa politica, em nosso governo, em nenhum caso, nem mesmo no de defendel-o, a pretexto de sua legalidade, é absolutamente justo, correcto e necessario; mas é, deve ser a "unica" barreira erguida entre nós e elles.

Tal doutrina de nenhum modo impede a alliança do Brazil com os Estados Unidos do Norte e mesmo com outras nações americanas; ao contrario, é o corollario e complemento della, porque impossibilitaria, realisada que fosse, qualquer potencia da Europa de alimentar loucos sonhos de conquista ou predomínio sobre a nossa patria.

Escancaremos os portos, que o mesmo é dizer as portas, deste bemdito paiz a todos os que de seus recursos necessitem, porque elle ha de robustecer-se e progredir com o producto dos esforços desses immigrants; mas imponhamos-lhes, como condição unica mas indeclinavel, para que possam interferir na direcção de nossos destinos—que façam sua a nossa patria, que conosco dêem o braço e o sangue para conservar a grande, forte e honrada.

Esse nativismo entendemos, esse queremos, esse prégamos. Mas esse outro, espumante e vesgo, feito de odios pequeninos e de invejas inconfessaveis, que propagandêa a perseguição do estrangeiro porque elle vem aqui fazer fortuna, monopolisar o commercio "(sic)," matar a fome "(sic)," achamol-o, além de parvo, funesto.

Funesto sim, porque elle traria, se por desgraça pudesse largamente implantar-se, uma luta medonha entre homens que tem, mais ou menos, o mesmo sangue; porquanto rara é a familia brasileira que não tenha em geração proxima pelo menos um antepassado estrangeiro—como bem observou o escriptor das "Cousas Politicas."

Quem escreve estas linhas teve avô e pae portuguezes. Esses estrangeiros aqui constituiram familia, construíram o lar, adquiriram immoveis e deram ao Brazil alguns brasileiros, os quaes, seguindo as tradições paternas, o têm honrado e servido com o seu trabalho honesto.

Foi com aquelles portuguezes que aprendeu a amar o Brazil e a ter muita honra em haver nascido aqui, como elles tinham em serem filhos do velho torrão lusitano.

Para mim, portanto, esse nativismo que alguns desvairados nos querem impôr á força, sob ameaças brutaes, é simplesmente a doutrina de Cain—o assassinio do irmão, por que as suas ovelhas eram mais gordas, os seus fructos mais bellos, as suas offerendas mais agradaveis ao Senhor.

Rio.—Novembro.—1893.

VALENTIM MAGALHÃES.

MEDALHÕES DE ACTRIZES

IV

ROSA DAMASCENO

Perlene á raça delicada e pura
Das sensíveis, melhor: das sensitivas;
Borboletas idêneas, de cores vivas,
Em que o candor egual a travessura;

A raça das ingenuas, das esquivas,
Das simples, em que a graça é formosura
E o desgosto da vida pouca dura,
Em meio das ephimeras fugitivas.

As eracções locurna mais mimosas
Do theatro moderno, e de tal gesto
Que as torna mais gentis e mais formosas;

E o seu trabalho vendo, tão perfeito,
Levamos essa rosa, em preito ás rosas,
Não "sobre" o peito, não: "dentro" do peito.

Valerio Mendea

BOTANICA AMOROSA

I

Era por um meio dia quente. A' bella sombra do arvoredor ramalhudo, á margem de um fio d'agua crystallino e cantante, em "lollies" frescas de passeio campestre, nós acabavamos de fazer um "lunch" frugal de framboesas sanguineas.

E ella, contente e saciada, passando a cambraia do lenço pelos labios rubros, que mais rubros ficaram ao contacto das framboesas polpudas, disse-me, apontando para uma ipoméa, que se enroscava luxuriosamente ao tronco musgoso de uma velha palmeira:

—Tu, que sabes tantas cousas lindas de flôres e aves, de perfumes e côres, que aprendeste nos livros, dize-me porque é que aquella flôr é branca, rajada de azul, e a outra, que lhe fica ao lado, nascida na mesma haste é simplesmente branca?

E eu respondi-lhe:

—Corta uma das flôres, querida, e vem sentar-te junto a mim.

E ella, gracil e travessa, veio sentar-se nos meus joelhos, tendo na mão a linda ipoméa rajada, que o gume dos seus dentes alvos separara do caule.

Comecei então assim:

—A historia d'esta flôr, minha doce Chloé, é uma historia de amor, porque é preciso que saibas que as flôres amam e sentem como nós outros humanos.

"E, antes que eu te conte o caso provavel que poz raias azues na linda ipoméa branca, deixa que te explique que a corolla das flôres, essa corolla veludosa e perfumada como a tua cutis, é o leito de nupcias onde o amor vegetal sacia em segredo os seus desejos lubricos.

"Vês ahí no centro da campanula, que forma a corolla d'essa ipoméa, um filete erecto, encimado por um capacete escuro? E' o "pistilo," isto é, a esposa, que espera as caricias desses outros filetes, que a rodeiam, encimados tambem por uns bastonetes cobertos de uma poeira branca ou amarellada. Pois bem: esses filetes, que são os maridos, chamam-se "estames" e a poeira que os cobre tem o nome de "pollen."

"Ora, se tu arrancares a corolla e os "estames," has de ver que, adherente ao calice, na base do "pistilo" ou esposa, existe uma intumescencia, que é o "ovario."

"E, se levares o tua curiosidade até ao ponto de abrir o "ovario," has de encontrar dentro d'elle uns corpusculos pequeninos, que se chamam "óvulos."

"Ora, agora, que já te expliquei umas tantas cousas fastidiosas que precisavas saber para a comprehensão do que tenho a dizer, prepara-te para ouvir e saber como se faz o amor nas flôres.

"Quando a flôr desabrocha e a corolla ou thalamo nupcial se expande, o "pistilo," isto é, a esposa prepara-se para receber os beijos e caricias dos maridos ou "estames," que a rodeiam, segregando uma especie de gluten, que cobre todo o capacete, que o encima. Nestas condições, os estames deixam cahir o seu pollen ou poeira fecundante sobre esse capacete da esposa, o qual se chama "estigmate," e, como este está coberto de gluten, o "pollen" adhire ao gluten e desce pelo filete, que é tubular, até ao ovario e ahí fecunda os ovulos.

"Ora, uma vez fecundados os ovulos, o calice, a corolla, os estames e o estylo murcham e cahem e só fica o ovario, que, fecundado, se vai desenvolvendo como um ventre materno até que se transforma em fructo.

"Mas, dentro d'esse fructo existe a "semente," que, lançada á terra, germina e produz a planta de onde surgem, no tempo proprio, as mesmas flôres que deram origem a essa semente.

"Eis ahí, minha querida, o circulo fatal e mysterioso dentro do qual gyra silenciosamente a vida, o amor, a fecundação e a germinação das plantas.

"Ora, agora, que já estás ao facto d'estes doces e encantadores mysterios, imagina que, um dia, na primavera passada, a mãe d'essa ipoméa alva, de onde cortaste esta flôr rajada de azul, que treme na tua mão patricia, cobriu-se de flôres brancas e numa d'ellas pousou uma borboleta inquietta, que, momentos antes, beijara o nectario de uma ipoméa azul. O leve insecto, avido do mel da flôr, roçara as suas azas trepidas pelos estames da ipoméa azul e, partindo d'ahí, á busca do mel da ipoméa branca, levava nas suas azas, inconscientemente, um pouco do pollen que os estames da flôr azul n'ellas deixaram cahir.

"E, ainda inconscientemente, esse mensageiro do amor pousou na corolla da ipoméa branca e, ao introduzir n'ella a sua tromba até ao nectario, as suas azas, sempre tremulas, atiraram com o pollen, que traziam, sobre o incauto "estigmate" da flôr branca.

"O que se passou então, d'ahí em diante, tu já o sabes minha doce naiade: esse pollen da flôr azul fecundou o ovario da flôr branca; o ovario desenvolveu-se e transformou-se em fructo, e, d'esse fructo, uma semente cahiu na terra e germinou, produzindo a planta que ahí se enrosca áquella velha palmeira.

"E, então, como essa planta proveio do caminho adulterino de uma flor azul com uma flor branca, na época da florescencia, produziu muito naturalmente filhos mestiços, isto é, flores simplesmente brancas e rajadas de azul, assim como poderia produzir flores simplesmente azues á mistura com outras brancas e rajadas de azul e branco.

"E isto, pela mesma razão por que uma pomba branca, que casa com um pombão negro, é susceptivel de ter filhos inteiramente brancos, inteiramente negros, ou brancos com pintas negras e vice-versa.

"Ora, aqui tens o motivo, minha gentil curiosa, porque essa ipoméa, que os teus dedos roseos seguram, é rajada de azul, quando as suas irmãs, provenientes da mesma mãe, são completamente brancas. O alado insecto foi a causa

provavel d'esse desastre conjugal, mas tambem podia ter sido a brisa, essa brisa rumorosa, tão propicia ao amor, a mensageira clandestina do pollen da flor azul que fecundou a flor branca.

E ella, a minha doce companheira, fixando a ipoméa rajada na noite densa dos seus cabellos negros e pausando os seus olhos lusescentes e penetrantes nos meus, disse-me, então, entre séria e rissonha:

—Então, aquelles estames... esses maridos, que cercavam o pistilo ou esposa na flor branca, vigiando o ciosoamente...

—Foram logrados, minha amiga. Mas isso é um verdadeiro adultério!

—Sim, um pouco semelhante ao de Lucrecia, mas, em todo o caso, um adultério.

—Pois, então, entre as plantas tambem?!

—Sim, minha querida, entre as plantas, como entre os animaes, o adultério, voluntaria ou involuntariamente, existe.

"Menclau e Sganarello, ai de nós, habitam o orbe inteiro; no ar, na floresta, no campo, no seio das agnas, nas entranhas da terra, por toda a parte, emfim, o amor triumpho e faz victimas.

—Assim, as lindas dhalias rajadas, aquelle esplendido cravo "chita," que hontem trazias na lapella do teu frack...

—Tudo isso, minha Chloé, são productos do adultério vegetal. Mas, tambem, como seriam monotonas as flôres, se não se commettesse entre ellas esse peccado que tanto te espanta e que produz as variedades...

"E se tu soubesses com que fervor as flôres amam e sentem... com que lubricidade entre ellas os dous sexos se procuram, se approximam e permutam caricias... Dize-me: nunca ouviste fallar na "Valisneria Spiralis?"

—Não, nunca.

—Pois bem: o dia está rissonho e formoso; a tua mão preme a minha; os teus olhos procuram avidamente os meus; a primavera canta em torno a nós o seu hymno de amor no cicío da brisa, no zumbir do insecto, no trinar da ave e n'essa trova singela da lympha, que corre rumorejando. Tudo convida a amar e é ao som d'esse cantico festivo e universal da natureza em jubilo, que eu quero entoar o epithalamio da "Valisneria Spiralis," cuja boda cariciosa e ardente se celebra no seio das agnas. Ouve-me:

GARCIA REDONDO.

(Continúa.)

ORAÇÃO PROFANA

— a M. H.

Eu quero d'esse olhar o ralo com que accendes
O meu amor, se vejo a tua face honesta;
Receiosa violeta, ó meiga flor modesta,
Derrama-me no peito o aroma que rescendes!

Tu és a minha estrella, e o teu fulgor me guia,
Mais bello que o do sol, mais doce que o da lua,
E leva-me a sonhar, no céu onde fluctua
Em fundo cor de rosa o astro da Alegria.

Ao som da tua voz, em doces vibrações,
Eu souho repousar a fronte no teu seio,
E extractico, feliz, suspiro e devanelo,
E julgo-me a vogar no mar das Illusões...

Olha-me e canta, ó anjo! Embala-me este amor,
Que a esp'rança vem surgindo, a noite é morna
deusa,

E o novo sol dissipa as nuvens da Descrença
Descobrindo-me um céu sereno e tentador!

Eu quero d'esse olhar o ralo com que accendes
O meu amor, se vejo a tua face honesta;
Derrama-me no peito o aroma que rescendes
O' minha violeta, ó meiga flor modesta!

Arthur de Mesquita.

Côimbra, Agosto de 1893.

BALLADA EGYPCIA

▲ VALENTIM MAGALHÃES

I

Ainda uma vez, á porta da tenda de Abul-Kamed, o beduino voltou-se para beijar a sua chorosa Fatma, a bella flôr do Egypto, nascida no deserto invio, embalada pelo doce rumorejar das palmeiras verdes, coroadas de luz pela primavera quente, curvadas ao rijo sôpro da ventania sibilante pelos tempos do "simoun".

Beijou-a na face e saltou sobre o dorso lúcido do seu "mahari" avido, que partiu rapido e lesto, resfolegando, pisando celere a areia branca do deserto immenso.

Fatma seguiu-o com os olhos velados de lagrimas—como duas flores negras rociadas de orvalho—e quem a visse assim piedosa e triste, á porta da tenda, com o corpo attrahente como um oasis risonho, coberto pelo tecido grosso de uma alva tunica de linho, os cabellos negros, profundamente negros, soltos em desalinho, os pés mettidos em sandalias de couro, e triste, dessa tristeza que mata, dessa nostalgia que fere e punge,—quem a visse assim, piedosa e triste, seguindo com o olhar dolorido o beduino que partia celere, de certo se sentiria ferido da saudade immensa que se fazia n'alma d'aquella egypcia morena e anante, nascida no deserto invio, embalada pelo doce rumorejar das palmeiras verdes, coroadas de luz pela primavera quente, curvadas ao rijo sôpro da ventania sibilante pelos tempos do "simoun".

Longe, muito longe, voltou-se ainda o beduino para ver a amante, e o vento, um vento aspero e forte, trouxe-lhe ao ouvido estas phrases, sentidas como uma supplica dorida de uma alma angustiada que se esfolha:

—Ali, Ali, meu formoso beduino, leva-me no dorso do teu "mahari" rapido, pelo deserto silente, pelo areial infinito. O meu amor sem ti—pobre flor do deserto!—se estiola e morre, morre sem ti, morre por ti de saudade e pezar... Ali... Ali...

E a mesma aza do vento aspero trouxe aos ouvidos de Fatma estas phrases, saudadas como um consolo sem fim:

—Não... Na tua tenda isolada, á sombra do verde oasis, deixo a minh'alma contigo... Deixa-a lá dentro para que não fuja... para que não vês como um passaro sem norte... Fatma, vela sobre o meu coração que ahí fica... sobre o meu pensamento, que é o meu amor, que contigo deixo... Fatma... Fatma...

E o "mahari" sumiu-se ao longe, vivido e lesto, resfolegando, pisando celere a areia branca do deserto immenso.

Triste e chorosa, á porta da tenda de Abul-Kamed, recorda então Fatma, piedosa e meiga, a historia gentil do seu primeiro beijo.

II

"Era na primavera, no tempo em que as palmeiras se cobriam de verdes palmas, douradas de um sol fulgido e ardente. Ceu azul, do azul mais puro e mais lindo. As caravanas passavam risonhas pela porta e as tamareiras tinham fructos de um dulçor estranho... Viajantes e egypcias morenas passavam cantando, alegres, e os camellos, em longas réguas, agitando as caudas, caminhavam tardos, vagarosos, ao som das vozes dos beduinos e das musicas dos beijos febris das namoradas do Sahara...

"E Fatma recorda-se ainda, recorda-se. O dia repontava como nunca n'a-

quellas bandas da Asia. Sentada á porta, o olhar perdido no vacuo immenso aberto aos seus olhares, ficára... olhos fitos no horizonte em chammás... Era d'alli que o sonho azul lhe viria... na alegria de uma caravana, talvez n'um bando de beduinos meços e viris, de olhos vivos e labios febricitantes e tez tostada pelos calores do sol ardente... E assim seismava, o espirito vagueando no azul, buscando esse oasis inatingivel e eterno... N'isto, ao longe desponta o vulto de um homem; é um viajante tardio, porque corre ligeiro, ligeiro, cavalgando o seu camello resfolegante... Approxima-se, mas refreia á sua vista e o olhar lançando em torno, onde uma fonte suspira e uma tamareira ostenta os ramos cobertos de tamaras maduras, pára, risonho e alegre, ao pé da tenda. Pede-lhe agua, agua d'aquella fonte que corre branca nuns longos fios de crystal, fructos d'essa fructeira que ensombra a agua da fonte, derivando clara.

"Então ella, córada e o coração em luta—luta de amor—corre ao interior da tenda e volta em seguida com o cantaro cheio. O beduino, sorrindo-lhe, bebe... bebe... e rapido se despede, mas n'isso ter ainda levado á bocca algumas tamaras que Fatma lhe offereceu na palma delicada da sua mão em concha, risonha tambem, tambem risonha e confusa.

"Depois o moço voltou a vel-a; soube-lhe o nome e a profissão. Chamava-se Ali e pertencia a um bando de commerciantes que vinham atravez do Sahara, de um extremo ao outro do grande oceano de areias implacaveis, vender estofos caros á cidade... viajando por longos mezes assim, por longos mezes viajando.

"E partia, e voltava de novo o namorado ancioso por matar a sede no cantaro que Fatma tinha sempre cheio de uma agua crystalina e fresca, collida á fonte murmura, coberta pelo doce e umbroso da tamareira alta... Um dia, recorda-se, sentiu o moço collar a sua bocca ardente e faminta ao seu labio virgem e sequioso de beijos... Foi esse beijo a aurora do seu sonho, aurora em pleno Sahara, mais poetica ainda n'aquelle silencio, porque a noite pairava sobre elles, e só as estrellas o ouviram... a fonte escorria trepidamente e o crescente brilhava no ceu—como no estofos azul de uma bata estendida a lamina rutila de uma cimitarra.

—Coração, meigo coração de virgem, entorna nessas lagrimas que pelo seu rosto rolam agora, como perolas sem par, a alegria infinita daquelle sonho sonhado á sombra das ramarias e do cicio das folhas!... Canta, alma do silencio, toda a ventura de um dia, que lhe veiu na aza de um beijo ardente, como um passaro branco, que annuncia a primavera aos campos maninhos e ás florestas silentes...

"E Fatma recorda ainda; lembra-se que d'aquelle beijo nascera-lhe o amor immenso que alimentava com os beijos do beduino, e uma manhã mal enflorada ainda,—e com que com saudade se lembra!—entregara-se-lhe o corpo e alma, não, só o corpo, porque a alma era já d'elle, ha muito, eternamente d'elle.

"Desde então o moço namorado vinha vel-a sempre e trazer-lhe joias de ouro e fructos de além, da cidade,—cheirosos fructos aquelles, bellas joias as que lhe dava!—e ella, como quizesse conhecê-lo ao longe, fez-lhe um albornoz azul e ouro, que elle trazia sempre a tiracollo quando vinha amal-a ao clarear da alvorada e ao enfraquecer da luz, montado no seu

"mahari" lustroso, que resfolegava e avido corria, pisando celere a areia branca dos caminhos invios."

III

O beduino, pois, partiu naquella dia para uma viagem longa... de um mez. E n'aquella tarde, os alforques cheios de sedas caras e joias custosas, se foi... mas, não sem ter parado ainda á porta da tenda de Abul-Kamed, parado para ver a amante e confortal-a, á bella flor do Egypto, nascida no deserto invio, embalada pelo doce rumorejar das palmeiras verdes, coroadas de luz pela primavera quente, curvada ao sôpro da ventania sibilante pelos tempos do "simoun"... Dias se foram, noites passaram, noites e mezes.

D'ali por diante ainda o sol não tinha rasgado de todo o nevoeiro denso como um amplo véo se rasga ao corte fino e leve de uma lamina aguçada e de ouro, e Fatma, á porta da tenda, aguardava a passagem dos bandos.

E, quando os viajantes paravam em frente e a um signal da moça—tocados da sua tristeza dolorosa, da tristeza dorida dos seus bellos olhos pretos—como duas flores pretas aljofradas de perolas claras—quando elles paravam para ouvir-a, Fatma, na sua voz de saudade, falava-lhes de Ali, o mouro, de cabelleira negra cahida em cachos sobre os hombros fortes; Ali, que tinha a tiracollo um albornoz de seda azul—porque ninguém tinha um albornoz tão rico, nem cabellos tão negros como elle; Ali, o mercador de sedas caras e formosas arrecadas de fino metal luzidio, de finas joias de custo...

—Não, que não o tinham visto... Ali, bello mercador de prendas raras, o viajante de albornoz azul a tiracollo... não, não o viram.

E passavam... e como estes muitos outros passavam, e parando diziam no mesmo tom de voz que o não tinham visto nem encontrado atravez do areial ardente... Um só dentre elles, porém, flitando-a longamente, piedosamente, dissera-lhe que um moço... não... não lhe dissera nada. Passára como os outros, sem contar a historia que ouvira longe, da bocca de um mercador...

E os dias foram-se ainda... e as noites e os mezes foram-se... e os olhos de Fatma eram como duas fontes escorrendo sempre, quasi desleitos em pranto...

Seccaram-se um dia essas lagrimas. Saudade que no seu peito se esconde, não a deixa chorar mais a sua tristeza, e o seu sonho que não volta... Foi o velho senhor da tenda, seu pae, o calmo Abul-Kamed enfim, que, de volta de uma viagem, contou-lhe a historia que o viajante lhe occultára:

—Ali, de albornoz azul a tiracollo, fôra presa de ladrões, que lhe roubaram as joias e as prendas de valor... O "mahari" fôra encontrado ao lado do seu cadaver, inteiriçado numa postura de luta. Presume-se — e Abul-Kamed, não affirmava — que Ali fôra trespassado pelo punhal de um dos salteadores e cahira morto na areia branca que se tingiu com o seu sangue, pois que ao passar ha dias pelo areial vira os vestigios ainda... um longo rastro como uma fita rosea, desbotada, sobre um extenso lençol de linho alvo, que o fizera chorar, a elle, que não chorava ha vinte annos, porque se lembrára de Fatma, cuja paixão sorprehendera já pelo moço beduino e viajor mercante.

Ouvio a moça aquella historia dorida e foi como se a tivessem ferido para sempre no coração. Morreu-lhe no seio

a flor da illusão e a esperança estiolou-se-lhe na alma. Depois, os tempos do "simoun" voltaram, as caravanas foram escusando e uma ou outra que se aventurava por alli, não se detinha á porta da tenda, fugindo que ia ás tempestades de areia... E assim, embora estivesse a fitar ainda e sempre a longa toalha do deserto revolto, olhos pregados no horizonte ao longe, Fatma, alli mesmo á porta, tombou morta de saudade e pesar, uma tarde, no mesmo instante em que o sol se afundava no mar de sangue do poente, depois de uma longa viagem através de um dia de calor offegante, horriavelmente pesado.

O beduino não voltou porque os mortos não podem voltar nunca mais do seu exilio do nada.

É fol melhor assim, porque,—oh! pobre coração de beduino amante! como ficarias tu, si ao voltares sedento de amor e de beijos morta visses a tua querida Fatma,—morta, para sempre morta! a tua bella flor do Egypto, nascida no deserto lúvio, embalada pelo doce rumor das palmeiras verdes, coroada de luz pela primavera quente, curvadas ao sopro rijo da ventania sibilante pelos tempos do "simoun!"

LUIZ ROSA.

A QUEDA DO SOL

Audi a rola a gemer nos decrepitos troncos:
Lamentam-se os andiaes, lembrando accordes de
(burpas...)

Vagas tristezas veiu, como invisíveis farpas,
Ferir os corações; do Mar ouvem-se os roncões:

Para como um véo solto, aureo pó sobre os bron-

[cos
Soculcos, socavões, reconcavos e escarpas:
Trazem barbas de mosgo os decrepitos troncos,
Que embastidos elpoades creulam como eburpas.

E quando, como um rei proscripto, esconderijo
busca o sol por de traz das barreiras do Oceano,
Com bumbinellas mil de estofos carmesins,

Esfalta-se o horizonte, ao baque do tyranno;
E o céu todo,—em signal de immenso regosijo,—
—Arenda azul—accende os aureos lanternins.

Henrique de Magalhães

GAZETILHA LITTERARIA

"Imperator litterarum, salut!"

Foi nestes termos pomposos que Zola, o grande naturalista da França e do mundo inteiro, foi saudado por Oswald Crawford, presidente do banquete do "Club dos Autores," de Londres, quando o extraordinario romancista pisou ha pouco a terra de Shakespeare e de Byron. Este "Imperator litterarum, salut!" despertou entre os escriptores francezes um alvoroço desusado até hoje. A inveja, que outro termo não achamos para classificar esse ruido, preparou as suas armas e alguns homens de letras surgiram pelo jornaes combatendo as altas apreciações feitas ao auctor do "Assomoir" e sobretudo aquella phrase de Crawford.

Pelo "Echo de Paris," E. Lepelletier refuta furiosa e apaixonadamente toda a gloria de que n'um honroso banquete litterario os inglezes souberam rodear o maior vulto das actuaes letras francezas e termina o seu artigo nestes termos: "Ha duas maneiras de se rebaixar a gloria litteraria de um paiz como o nosso, tão fecundo de talentos incontestaveis: a primeira consegue-se negando-a antes de tudo; a segunda, elevando-se desmedidamente os homens que não passam de unidades no meio de outros homens de valor. A republica

das letras francezas não tem imperador. "Ave, Cesar—Zola!"

Phrases de bello effeito, na verdade, essas com que fechou Lepelletier o seu artigo "L'empereur des lettres;" mas, digamos sem rebugo, contrarias ao que se pensa no seio da propria litteratura franceza em quasi toda a sua totalidade, e na Europa toda e no mundo inteiro, onde Zola é lido, apreciado e tido mesmo como o mestre das letras francezas, o unico e extraordinario romancista a quem a sua patria deve trinta annos de insano trabalho e uma multidão de obras inimitaveis como essa longa e estupenda serie dos Rougon.—Macquart.

Paixão, talvez, pela gloria: aspiração, quem sabe, ao primeiro logar de escriptor da França levaram Lepelletier e tantos outros a escrever artigos, a bulir phrasas e fazer estylo contra Zola.

Em todo caso, para nós, Zola é o Zola do "Assomoir," o valente escriptor do "Germinal" e da "Débâcle" e incontestavelmente o primeiro romancista da actual geração franceza.

Lembramos aos nossos leitores que no dia 11 deste mez termina o prazo para o recebimento das traducções do soneto attribuido a Molière e que publicamos em o nosso n.º 78, de 23 de setembro passado.

CAVACOS MEDICOS

(UMA DESCULPA)

Escrevo em dia de finados.

No campanario da torre visinha rebôa, de echo em echo, o compassado dobrar dos sinos, desses santos pregoeiros da Fé, cujo brado é o terrivel "memento," que se repercute no animo de todos os mortaes.

Continúa o bulicio iniciado na vespera.

E do baloiçar vagaroso do sagrado bronze o som plúgente e medonho, que vibra cada badalada, abala-me o coração em cada uma das suas fibras.

São-me presentes idéas tetricas e horrendas; tenho o rosto annuviado.

Imagine o leitor que levantei-me muito cedo e sahi.

Pouco depois atravessava o vasto campo da morte, que se denomina "Cemiterio de S. João Baptista."

Reverente e humilhado ia vendo todos aquelles tumulos e olhava para as tristes physiônomias das pessoas que ali estavam orando pelos seus mortos.

Purei junto á cruz de um tumulo e entreguei-me a fervorosa oração.

O crepe diaphano que se enleava á cruz desse sepulchro deixava entrever, pendente, uma corôa — a da virtude, a da candidez.

Eu estava livido, anciado, afflicto; depuz sobre a funerea lousa um simples mas significativo tributo sobre que deslisou uma lagrima fugitiva — era uma corôa de saudades.

Depois invoquei uma memoria em meu favor, percorri uma a uma as paginas do livro de minha existencia — murmurei:

— "Que feliz que eu fui! Como eras boa e como eras dedicada, minha querida esposa! Eu vim aqui, não para evocar-te do abysmo onde a tua dedicacão precipitou-te, mas para deixar-te um tributo do amor que sempre te con-

sagrei, um symbolo de minha eterna lembrança!" —

E tornei:

— "Que feliz que eu fui!" —

A fronte pendeu-se-me para o peito e senti baterem-me levemente no hombro.

Levantei o rosto e vi um dos meus amigos, que me perguntou:

— "Quem repousa neste sarcophago para que te faça soffrer tanto assim? Ha longo tempo que tenho estado fóra da capital, como sabes, e, pois, ignoro."

Respondi-lhe:

— "Ah! meu amigo! A pessoa que aqui descança é o ente que mais adorei na vida! É uma mulher, esposa virtuosa e mãe delicadissima! Amei-a muito... perdi-a! Lembra-me ainda do momento fatal em que a vi empallidecer... balbuciar uma phrase entrecortada de suspiros... cerraram-se-lhe as palpebras e cobril-as o véo da morte! Fugiu-me ha perto de dois annos... resta-me a saudade! Sinto-me desfallecer! Vejo-me suffocado! Vamos!"

As arvores frondosas, os cyprestes lançavam em torno uma sombra bem triste, triste como o dia que era, triste como o meu coração repassado de dôr e angustia.

Immerso n um mar de tristeza, e, depois de haver recordado ao meu amigo a antiga felicidade que me durára tão pouco, tomei-lhe o braço e... sahimos do cemiterio.

Compreende, portanto, o leitor, que não podemos "cavaquear" alegremente, como temos feito em outras semanas; e ha tres seguramente que não dou "um ar de minha graça," por causa deste estado morbido em que me acho ha muito tempo e conhecido já pelos meus collegas.

Bem affirmou já o meu amigo Valentin que ha entre nós mais de um ponto de affinidade. Pois se até a "neurasthenia" fez-nos irmãos, este estado de fraqueza irritavel do systema nervoso, caracterizado pela cephalia, pela insomnia, pela asthenia neuro-muscular, pela dyspepsia atonica gastro-intestinal e tantos outros symptomatos que são bem evidentes em nós!

E admirar-se-hão disso?! Qual tem sido o nosso modo de vida?!

Não temos sempre luctado pela existencia, neste meio que todos conhecem?!

A vida social, principalmente a vida nas grandes cidades, tal como a civilização a creou, accumula as causas de "surmenage" nervosa.

Proclama bem alto Ziemssen: "As competições são muito vivas, a concurrencia muito aspera em todas as carreiras, liberaes, commerciaes, industriaes. Quer-se sempre subir, subir sempre."

Não temos tido essa "surmenage do systema nervoso" com os seus dois elementos fundamentaes, o excesso de trabalho ou de excitação, a insufficiencia do repouso e da reparação?

É incontestavel o facto, meu caro leitor, e como nós dois accreditamos que são tres quartas partes da população fluminense.

Vejam o que diz Mathieu: "Não ha ninguem, nos que fornecem um trabalho intellectual, que não tenha em certas occasiões experimentado phenomenos passageiros de neurasthenia. Uma sessão de leitura, de redacção, de calculo, de traducção... um pouco prolongada dá-nos uma sensação de fadiga que se traduz por peso de cabeça, diffi-

culdade maior em fixar a attenção, em reter os termos d'uma questão, etc. etc."

Eu e a Valentim temos estes centros nervosos, "cerebro, medulla e grande sympathico" irritados e recebendo dia e noite todas as impressões do mundo exterior e do proprio organismo n'um excesso enorme.

Somos iguaes na molestia e para cural-a não ha absolutamente medicação pharmaceutica efficaz: somos obrigados a viver neste meio, que se tornou actual-mente pessimo.

Não, decididamente não posso hoje "cavaquear."

DR. SAHEN.

ORAÇÕES ETERNAS

Sonhar... Sonhar...

Ha sonhos que acalentam esperanças de tempos mais risinhos...
— Cansado já de idéas que atormentam, quero sonhar uns sonhos que acalentam: — quero sonhar-vos, ó suaves sonhos!

Eu tenho sido um louco, um visionario, sonhando sempre ao seio da illusão...
— Mas tu me retiraste do calvario por onde eu ia: e, como n'um saerario, em t'alma encerrou-se-me a affeição.

Sem fé, sem creanças, eu andava triste: — do mal chamado Tédio a padecer — Mas tu, ó redemptora! me sorriste...
— Oh! para mim a abnegação existe no amor de mãe, e em teu amor, mulher!

Sonhar... Sonhar...
E assim emballo a esperança d'um bom futuro, todo amor e paz.
— E s' qual a doce Virgem da Bomança, Maria! E, enfim, mil'almas já desceja do viver tormentoso de ripaz...

Porto—1893.

ARNALDO AUGUSTO.

PLEBISCITO LITTERARIO

Lembramos aos nossos leitores o segundo plebiscito aberto em o nosso no. 7-8, de 23 de setembro ultimo.

"Quaes são os seis melhores contos escriptos por litteratos brasileiros?"

"Podem ser votados os contos publicados em livros ou em jornaes e revistas litterarias da Capital Federal ou dos Estados.

As demais condições deste plebiscito são inteiramente iguaes ás do que abrimos para os romances."

O prazo termina no dia 23 deste mez, e immediatamente procederemos á apuração que certamente não agradará a muitos dos Srs. litteratos, que estão deixando correr o pleito á revelia.

Depois queixem-se.

A PROPOSITO DE PLAGIOS

(Carta á SEMANA.)

Li com summo prazer a brilhante carta que o illustre litterato Dr. Garcia Reboulo acaba de inserir na SEMANA, o esplendido hebdomadario de Valentim Magalhães, com referencia aos plagios e encontros de idéas.

Vendo os criteriosos conceitos, com que traduzia o illustrado escriptor sua opinião a respeito de tão interessante assumpto—opinião que eu perfilho inteiramente e que está firmada em meu espirito pela observação de numerosos factos da vida real e de outros acontecidos commigo, no meu modesto viver litterario,—lembrei-me das accusações,

das chalaças, dos insultos vis com que alguns pygmens litterarios e meia duzia de jornalistas indignos cumularam o "inspirado, correcto, alto e fecundo" poeta dos "Versos e Versões" pelo facto de encerrar o admiravel soneto "As pombas" uma idéa, já expressa por Th. Gautier na deliciosa "Mlle. de Maupin."

D'esses insultos grande parte alvejou a individualidade sympathica de Valentim Magalhães, por ter este intemerrato homem de letras denodadamente, lealmente, affrontado a furia hydrophobica dos invejosos de Raymundo, pegando-lhes uma serie brilhante de artigos succulentos, que não só pulverisaram completamente as accusações ignobis, atiradas, (com grande pezar dos homens de bem) sobre uma das glorias da litteratura brasileira, mas tambem provaram perfeitamente que o autor das "Symphonias" era uma das mais formosas mentalidades poeticas das que desabrocharam sob a luz radiosa do Cruzeiro do Sul.

Ainda sob a grata impressão em mim produzida pela leitura da alludida carta, (onde tão exuberantemente se prova que uma idéa,—sem laivos de exoticismos, nascida só da observação da vida na natureza e da comparação desta observação com certos phenomenos psychologicos,—póde brotar simultaneamente em dezenas e dezenas de cerebros, com os mesmos contornos e os mesmos delineamentos.)—continuei a admirar as outras gemmas engastadas nas demais paginas da revista.

Na 5ª pagina deparou-se-me o seguinte soneto firmado por Placido Junior:

INVERNO

Chega o inverno cruel: chuvas cortantes
Levam na enchente os campos arrasados.
E as campinas e os prados ondeantes
Perdem as flores, quasi abandonados.

Morrem nas eras, frios, regelados,
Os passarinhos; ventos soluçantes
Despem as grandes arvores possantes,
De troncos nus e braços enrijados.

Tudo destroe, tudo devasta o inverno:
Lá fóra o campo morto, e entanto um terno
Brando calor acorda-me os desejos.

Que importa o inverno, se o teu corpo é quente,
Se tenho o teu olhar, fino e dormente,
E a chama rubra dos teus longos beijos?

Logo, aos primeiros versos d'este soneto, um grande pasmo foi-me alagando o espirito: no decorrer da leitura foi-se elle augmentando, vindo assumir proporções extraordinarias quando cheguei ao fim do ultimo terceto.

E' que eu me lembrava de ter escripto cousa muito parecida com aquelles versos, ha já algum tempo.

Corri a uns papeis velhos e, pesquisando, na GAZETA DE PITANGUY (1892-Junho) encontrei a seguinte chroniqueta:

O FRIO

Inverno.

Que frio intenso!

O alvo alboroz das neblinas envolve este valle immenso e viridente.

As campinas se occultam sob a mortalha da neve, que cai em brancos floccos, tapando os barrancos como alva-centa toalha.

Não accorda o selva a doce cavatina de alguma ave, trinando amor.

O suave azul dos céos transformou-se em vasta concha nevosa.

Que frio!... Birr!... é de mais! Passa a lufada raivosa a vergar os mattagaes viçosos.

Até parece frio dos ermos polares.
Mas, que importa, se me aquece o calor de teus olhores?

BENTO ERNESTO JUNIOR.

Pará, 1892.

Clarissima é a semelhança dos versos publicados na SEMANA com os que inseriu a GAZETA DE PITANGUY.

Felizmente, a minha lenga-lenga já estava impressa: do contrario, acioimar-me-iam de plagiario do Sr. Placido Junior, e eu, para arredar a pecha infamante, ver-me-ia nas mesmas difficuldades em que seria atraido o Dr. Redondo—illustrado e talentoso embora—para provar que não roubara "Bertha" ao chorado Guy, se seu bonito conto não houvesse sido publicado em época anterior áquelle em que appareceu a producção do notavel romancista francez.

Pelo que vai expendido acima, vê-se bem que o pasmo em que poz-me o soneto do Sr. Placido, nasceu menos de ver um mesmo pensamento tratado de modo differente por duas pessoas diversas do que do facto dar-se exactamente na occasião em que se tratava de taes encontros de idéas.

Placido Junior, com certeza, nunca viu minha modesta producção, inserta em jornal sertanejo, de pequeno formato e circulação tambem diminuta. Mesmo que lhe fosse parar ás mãos um numero da folha, O FRIO passar-lhe-ia despercebido, impresso, como está, em maus typos, sem forma graphica de poesia e mais parecendo uma simples noticia sobre o estado da temperatura local.

Pará, 28 de Outubro de 1893.

BENTO ERNESTO JUNIOR.

COFRE DAS GRAÇAS

SOBRE A REVOLTA

Discutia-se a provavel indemnisação pela morte dos marinheiros inglezes.

— En, disse uma loura miss, acho que o governo deve pagar pelo menos mil contos.

— Mas... ha de convir que isto é exagerado!

— Qual exagerado! O governo pagou cem contos por um cadaver de italiano.

— Mas foram cem contos...

— E então o "roast-beef" não custa mais caro do que o macarrão?

Entre labregos:

— Biste os tirasios do "Cudabão"?

— Ora se!... Mas peiores são os tiros de "Mano Lixo" porque esses esfuracam a gente.

Na escola de bellas-artes, diante do muito conhecido estudo do nú, do professor Amoêdo.

— Repara Ambrosio, repara bem...

— E' verdade, seu compadre, que holophote!

O joven poeta Sr. Camara acaba de recitar uma poesia faiscante de enthusiasmo. Commentario de um ouvinte:
— Que Camara ardente!

Outro poeta, o Sr. Mario Mello recita uns versos todo cheio de pieguices e affectação. Acabando, desculpa-se dos defeitos da declamação, allegando ter a boca cheia de aphtas.

— Ah! logo vi que era um poeta "aph-tado," commenta um malicioso.

BIBIANO.

BOUQUET DESFEITO

Vi passar sobre as ondas agitadas
Elegante bouquet de roseas flores,
Entregue nos crudelissimos furoros
Do mar, arfante ás rispidas rajadas.

Vagava como em sonho tormentoso
Que nos confrange o coração afflicto,
E eu suppunha ouvir no pégo irroso
Um al de angustia, um soffocado grido.

E a rellella de amor, ao mar lançada,
Sem auxilio, sem minimo conforto,
Bolava entre as espumas como o morto
Que é ludibrio da vaga encapellada.

Quem assim te juntou, haste por haste,
Em ancelos de eundido lyrismo?
Em que mão feminina te formaste?
Bouquet tombado no procelloso abysmo?

Tu que devoras perfumar o ambiente
De um anjo casto e como tu formoso;
Que pudéras encher d'intimo gozo
Um coração uprivonado e crente!

Como foste arrojado sem piedade
A's ondas cava do revolto Oceano,
A servir de juguete á tempestade
No cahos dantesco de bramir insano?

Que existencia miserlrim e precaria,
Prenha infeliz! Que luctas dolorosas!
Antes fosses levar as tuas doras
A' solidão de lousa funeraria...

Lá colibrys dourados, multileutores,
E leves borboletas doude-juntas,
Em beijos de prazer e de dulçores,
Velarum tens ultimos instantes.

Em breve aquellas flores peregrinas,
De seus fragéis lhimas arrancadas,
Perderam-se no vórtice, levadas
Pelas ondas ferozes, assussimas...

Assim tambem das Illusões mais caras
Formamos um bouquet de roseas flores,
Bello, odorante de fragrancias raras,
Aljofrado de divos esplendores.

Em conservar o talisman precioso
Quanto amor, quantos zelos empregamos!
O nosso coração dá vida aos ramos!
Gitu na selva o mesmo sangue estuoso!

Um dia... um ser gentil que nos enleva,
Que julgamos descolto das alturas
Para vir desfazer a intensa treva
Da vida entrecortada de amarguras:

Um ser a quem amamos neste mundo
Com todo o ardor das affeições mais santas,
Desprende-nos do peito as debcis plantas
E sorrindo as arroja ao mar profundo.

Sobre a deserta praia da existencia
Inquirimos então a immensidade,
E ao som do mar de intermima cadencia
Casamos nosso canto de saudade.

Morrem as flores que a procella trunca
Eo vento arroja pelo Oceano a fóra:
Porém no coração, ferido embora,
Vive a saudade, que não morre, nunca!

DAMASCENO VIEIRA.

Santos, 42 de Outubro de 1893.

OS COLLEGAS

A SEMANA continúa a ser alvo das
mais honrosas referencias por parte de
distinctos collegas desta cidade e do sul
e norte da Republica. Agradecendo, pe-
nhoradissimos, essus provas de gentileza
passamos a transcrever os nomes dos

collegas que nos tem sempre honrado
com a sua visita. São elles:

A GAZETA DE NOTICIAS, desta capital,
a qual nos tem captivado pela extrema
gentileza: A VOZ DO POVO, de Sorocaba;
GAZETA SEMANAL, de Pindamonhangaba;
RENASCENÇA, ITAPEERICA, GAZETA
DE QUELUZ, CONTEMPORANEO, OPINIÃO
NACIONAL, de S. Paulo; CORREIO DA
MANHÃ de Lisboa; COMMERCIO DO PORTO;
VASSOURENSE, CORREIO DE PALMA, TYM-
BURIBA, GAZETA DE BOCAINA, JUVENIL,
A TRIBUNA, CIDADE DE S. JOÃO, NOTI-
CIARISTA, COMARCA DE CALDAS, GUTTEN-
BERG, GAZETA DE PATANGUY, CORREIO DE
PETROPOLIS, DOIS CORREGOS, RIO GRAN-
DE DO SUL, COMMERCIO DE S. PAULO,
CORREIO POPULAR, TRIBUNA DO POVO,
A ACTUALIDADE, MINAS ACADEMICA e
GAZETA POSTAL, do Paris.

Factos e Noticias

Gentilmente convidados pelos Srs.
Brito & C., assistimos no dia 6 á inau-
guração do Café do Rio, ou antes, á
re-inauguração, pois na mesma casa e no
mesmo local já funcionou elle ha tem-
pos, e todos se lembram do excellente
moka que alli se bebia.

A's 12 horas, presentes os represen-
tantes da "Gazeta," "Jornal," "Paiz,"
"Correio da Tarde" e desta folha, man-
dou o amavel Sr. Brito abrir as garrafas
de champagne e n'uma delicada mesa
de doces e iguarias finas offereceu-lhes
primorosa merenda.

Chegado o momento solemne o nosso
veneravel collega da "Gazeta de Notí-
cias" brindou ao Sr. Brito, que encarregou
do agradecimento o nosso collega
Pereira da Silva.

A' sahida os representantes da im-
prensa foram mais uma vez obsequiados
pelo Sr. Brito com um kilogramma de
superior café em pó.

O salão destinado aos freguezes está
vistosamente preparado e decorado e
com certeza o publico não trocará o Café
do Rio por qualquer outro estabeleci-
mento congenero.

Falleceu e foi sepultado ante-hontem
nesta cidade, o Revmo. Padre José E-
mygdio Jorge de Lima, vigario de Saut-
t'Anna de Macacú, geralmente estima-
do pela sua bondade e caracter lhano.
Ao seu enterramento compareceo cre-
scido numero de amigos e sobre o fere-
tro viam-se muitas coroas.

Sentidos pésames á familia do finado,
que é uma das mais importantes do
Estado das Alagôas.

Acha-se enfermo o nosso bom compa-
nheiro H. de Magalhães, secretario da
redacção desta folha e por esse motivo
não publicamos hoje varias secções a
seu cargo.

HEROISMO

Lê-se n' "O Paiz" de hontem, subor-
dinada á epigrapho "Revolta," a se-
guinte noticia:

"A's 5 horas vimos cair morto um
marinheiro de grande coragem e calma.

"Uma bala da fortaleza de Santa
Cruz cortou o mastro principal de Ville-
gaignon, onde estava arvorado o signal
branco dos revoltosos.

"Pouco depois subiu um marinheiro
ao mastro em que estava a bandeira na-
cional e, sob um chuva de balas de

fuzilaria, levou um novo signal, que
atou ao laes da verga.

"Nada o perturbava; mas, ao termi-
nar a operação, quando procurava des-
cer, foi apanhado por uma bala, que o
banhou em sangue.

"Ainda assim agarrou-se ao mastro,
mantendo-se por instantes abraçado á
columna em que fóra sacrificado, mas
caindo por fim e naturalmente sem vida,
pois a altura da queda bastou talvez
para matal-o."

Facto semelhante a este deu-se na
guerra da separação das colonias ingle-
zas nos Estados Unidos, ha mais de um
seculo. No bombardeio do forte de
Sumpter na cidade de Charleston, ha-
vendo sido cortado por bala a ponta do
mastro em que estava a bandeira, um
soldado subiu intrepidamente pelo
mastro acima e pregou a martello no
tope nova bandeira, debaixo de uma
chuva fortissima de balas, e, depois,
desceo tranquillamente, causando a
maior admiração esse acto heroico.

E' natural que o facto identico de que
nos dá noticia "O Paiz" e de que é pro-
tagonista um brasileiro, um compatriota
nosso, passe igualmente ao dominio da
Historia.

Tem estado enfermo o Conselheiro
Dantas, presidente do Banco da Repu-
blica do Brasil. Desejamos o restabe-
lecimento do benemerito brasileiro.

COM O CORREIO

Acreditamos ser necessario o estabe-
lecimento de uma secção fixa com o ti-
tulo acima, pois as reclamações que re-
cebemos sao incessantes. Sabemos que
o director dos correios não se preoccupa
com os nossos reclamos e si os registra-
mos é como satisfação aos nossos dignos
amigos a quem não podemos attender
como nos cumpre. Só fazendo uma ora-
ção a Sao Demosthenes.....

O Sr. Dr. Barata, morador em Tau-
baté, ainda no dia 7 escreveu-nos: "Bem
quizeria não vos incommodar mais, pois
esta é a "terceira" reclamação que vos
apresento. O correio porem obriga a
isto." Apoiado. Obriga a isto, mas
enquanto o governo não providenciar
o que podemos fazer?

Pedimos de mãos postas ao Sr. De-
mosthenes que se compadeça de nós.

Trecho de uma carta do Sr. Dr. G. R.
datada de S. Paulo.

"Ainda não li a SEMANA de sabbado
(hontem) que aqui só chega ás terças-
feiras.

"Os meus rapazes, que amam o ge-
nero, queixam-se da impossibilidade de
abiscoitar um premio attenta á demora
com que aqui chega a SEMANA. Dizem
elles que, sendo ella distribuida ahí aos
sabbados e só chegando aqui nas terças-
feiras etc...."

No entanto, saiba-o Dr. G. R., A SE-
MANA é postada na repartição geral dos
correios nas noites de sabbado e devia
chegar em S. Paulo nos domingos.

Mas...

No escriptorio d'A SEMANA, rua
dos Ourives n. 71, 2º andar, accetam-
se encomendas de trabalhos typo-
graphicos de qualquer natureza, ga-
rantindo-se a modicidade nos preços
e absoluta nitidez.

ANNUNCIOS**ESTABELECIMENTO
HYDRO E ELECTRO-THERAPICO
DOS**

Drs. Avellar Andrade e Werneck Machado
115 — Rua Sete de Setembro — 115
Rua da Carioca, 12 e 14
FILIAL EM PETROPOLIS

CHAPELARIA AMERICANA

EM FRENTE A' CASA PASCHOAL
CARVALHO PORTUGAL & C.

133. Rua do Ouvidor, 133
Importação por todos os paquetes
Completo sortimento de chapéus para homens,
senhoras e crianças, guarda-chuvas, bengalas, etc., etc.
Rio de Janeiro

FABRICA ORPHANOLOGICA

DE
FLORES ARTIFICIAES

Ribeiro de Carvalho & C.
RUA DO PASSEIO

Têm sempre um grande e escolhido sortimento de grinaldas, flores,
etc., etc

Gabinete de Cirurgia e Prothese Dentaria

DE
A. F. DE SÁ REGO

1 — Rua de Gonçalves Dias — 1

Este importante e antigo Gabinete, tendo passado pela,
reformas exigidas pelos processos da moderna odontologia,
acha-se equiparado aos melhores da Europa pelos esplên-
didos aparelhos e instrumentos de que dispõe habilitando o
a apresentar trabalhos

ainda pouco conhecidos no Brazil

Collocação de dentaduras fixas, sem chapa, e sem extracção
de raizes ou dentes

TRAVAIL A POINT

Extracção de dentes sem dor, por meio do *Coryl* de
M. M. JOUBERT, de Paris. Apparelhos para correcção das
anomalias de implantação, obturadores para a abobada pala-
tina e veu do paladar, etc., etc.

Obturação e reconstrucção de dentes a ouro perfeitissimas.
Concerta-se qualquer dentadura que não esteja perfeita na
bocca, mediante pequena retribuição.

Consultas e operações das 8 horas da manhã
às 10 da noite.

RIO DE JANEIRO

Dr. R. Rajardo

CLINICA MEDICA

Consultorio, Rua do Hospicio n. 22, das 2 ás 4 horas
Residencia Praia do Flamengo n. 96

TELEPHONE 5032

DR. HENRIQUE DE SÁ

CLINICA MEDICO-CIRURGICA

12, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12

Das 12 ás 3 horas

Dr. Ed. Chapot Prévost

Lente Cathedratico da Faculdade

Gynecologia e Operações

23 — RUA DA QUITANDA — 23

Das 2 ás 4 horas

Reside na Rua Alice n. 3 — Laranjeiras

DR. VALENTIM MAGALHÃES

ADVOGADO

RUA DOS OURIVES N 71

SEGUNDO ANDAR

DE 1 A'S 3 HORAS

DR. VIEIRA SOUTO

Medico e Operador

Especialidade : *Partos e Molestias das Senhoras*

Residencia e Consultorio :

RUA DOS ANDRADAS N. 6

Consultas de 1 a's 4 horas

Telephone 1138

**PIANOS E MUSICAS
FONTES & C.**

Rua dos Ourives 51

Telephone 1051

RIO DE JANEIRO

Papelaria LUIZ MACEDO

64, RUA DA QUITANDA, 64

Importação de papel de todas as qualidades.
Completo sortimento de livros e objectos
para escriptorio e de fantasia.